

## A FORMAÇÃO DA CULTURA HÍBRIDA EM RONDÔNIA NO PROCESSO MIGRATÓRIO NA DÉCADA DE 1970

*Joelton Rezende Gomes  
Lilian Maria Moser*

### **Resumo**

O artigo tem como tema a trajetória histórica dos migrantes do atual Estado de Rondônia durante a década de 1970 e a formação da cultura híbrida, identidades e culturalidades. Este trabalho, ao priorizar a investigação e o conhecimento acerca do passado, permite compreender os desafios presentes na sociedade contemporânea, sobretudo no que diz respeito à formação cultural da população rondoniense. Trata-se de uma pesquisa qualitativa histórico bibliográfica que tem como principais fontes obras, teses, dissertações e documentos diversos do acervo dos próprios autores, pelo qual objetiva-se conhecer a realidade vivenciada pelos migrantes em sua formação identitária.

**Palavras-chave:** Migração; Hibridismo; Cultura; Identidades.

## THE FORMATION OF HYBRID CULTURE IN RONDÔNIA IN THE MIGRATORY PROCESS IN THE 1970'S

### **Abstract**

The article has as its theme the historical trajectory of migrants from the current state of Rondônia during the 1970s and the formation of hybrid culture, identities and culturalities. This work, by prioritizing research and knowledge about the past, allows us to understand the challenges present in contemporary society, especially with regard to the cultural formation of the population of Rondônia. This is a qualitative bibliographic historical research whose main sources are works, theses, dissertations and documents from the collection of the authors themselves, through which the objective is to know the reality experienced by migrants in their identity formation.

**Keywords:** Migration; Hybridism; Culture; Identities.

## LA FORMACIÓN DE LA CULTURA HÍBRIDA EN RONDÔNIA EN EL PROCESO MIGRATORIO DE LOS 70

### **Resumen**

El artículo tiene como tema la trayectoria histórica de los migrantes del estado actual de Rondônia durante la década de 1970 y la formación de culturas, identidades y culturalidades híbridas. Este trabajo, al priorizar la investigación y el conocimiento del pasado, permite comprender los desafíos presentes en la sociedad contemporánea, especialmente en lo que respecta a la formación cultural de la población de Rondônia. Se trata de una investigación histórica bibliográfica cualitativa cuyas principales fuentes son obras, tesis, disertaciones y

documentos de la colección de los propios autores, a través de la cual el objetivo es conocer la realidad vivida por los migrantes en su formación identitaria.

**Palabras clave:** Migración; Hibridismo; Cultura; Identidades.

## INTRODUÇÃO

A discussão desse trabalho está centrada no processo de colonização, cujo ator principal é o homem que atua como principal modificador do meio e por esse motivo é exaltada sua coragem relacionando-a ao ato heroico, mesmo envolto em contradições como o desmatamento e o desrespeito à cultura dos povos tradicionais. Adentrar o desconhecido e se surpreender a cada passo, eis o significado de colonizar.

No que diz respeito ao contato do homem com a floresta, citamos, de início, Euclides da Cunha que relata sua própria experiência em sua obra *À Margem da História* (2006, p. 18):

A impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido - quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem...

Assim, os conceitos de adentrar, domar, desbravar e escrever a história do migrante que é considerado destemido e repleto de esperança são inseridos na ideia de progresso. Pois, a Amazônia desde os primórdios dos processos de colonização é apresentada como uma dádiva imensurável e desconhecida. Envolta em seus mistérios, mitos, lendas e tradições nativas fascinam, atraí e recebe mesmo que com certa dificuldade, aqueles que ousam pisar no admirável “paraíso” que enchia de brilho os mais diferentes olhares conforme palavras de Euclides da Cunha (2006, p. 25):

A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante. Desde os primeiros tempos da colônia, as mais imponentes expedições e solenes visitas pastorais rumavam de preferência às suas plagas desconhecidas. Para lá os mais veneráveis bispos, os mais garbosos capitães-generais, os mais lúcidos cientistas.

Foram distintas as frentes migratórias que adentravam a região amazônica. Desde o período dos bandeirantes do século XVII, que em nome da sorte, buscavam a cada léguas a riqueza tão almejada, passando posteriormente por aqueles que fugiam da violenta seca do nordeste e que contemplaram no ouro branco da industrialização, o látex, a saída para seu flagelo sem saber que eram seduzidos para uma jornada ainda mais desafiadora e até chegar ao colonizador da década de setenta do século XX. Este, motivado por políticas colonizatórias desenvolvidas pelo Estado e apoiando-se no conceito “do integrar para não entregar”, no caso a Amazônia, sonhou com um amanhecer mais promissor em terras consideradas desconhecidas, mas não esperaram encontrar as adversidades que a Amazônia possui em seu interior juntamente com a riqueza da flora e fauna.

Paralelamente se estabeleceram confrontos com os povos indígenas que por sua vez também se deparavam com o novo e desconhecido e tiveram seu *habitat* invadido e desrespeitado, acrescidos das doenças típicas da região como a malária que foram um dos desafios e os encalces na jornada extenuante da morte de centenas de povos indígenas como também dos próprios migrantes.

No que concerne ao ser cidadão, o conceito ultrapassa os limites das obrigações e exigências civis. Pois a cidadania relaciona-se com as vivências e necessidades humanas que expressam o contexto histórico de cada época. Sendo assim, o estudo do passado é instrumento importante para o entendimento do ser cidadão com a compreensão do mundo contemporâneo que não se relaciona de forma determinista com o já acontecido, mesmo porque a cidadania está intimamente ligada com a identidade cultural de cada cidadão e para Stuart Hall (2015, p. 24):

A identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”.

Apoiado na bibliografia proposta vale lembrar que segundo THOMPSON (1992), as próprias histórias de vida se ajustam às mudanças do caráter do lugar em que hoje os narradores vivem. Portanto para entender o indivíduo se faz necessária a compreensão do meio, assim como afirma Peter Burke (2010, p. 153): “Para entender qualquer item cultural, precisamos situá-lo no contexto, o que inclui seu contexto físico ou cenário social, público ou privado, dentro ou fora de casa, pois esse espaço físico ajuda a estruturar os eventos que nele ocorrem.” Sendo assim partiremos dos conceitos de cultura híbrida a partir do contato e enfrentamentos de diferentes povos.

Pretende-se, contudo, destacar que a relevância desta pesquisa também está em expressar, a cada passo, o fortalecimento das noções de cidadania através do conhecimento e da memória da realidade na qual o indivíduo está inserido propiciando assim a leitura crítica como forma de estimular a prática da preservação e valorização das experiências e da identidade como bem cultural de responsabilidade coletiva.

## MIGRAÇÕES E IDENTIDADES

### As “primeiras” migrações e a formação da identidade híbrida

Foram diversificados os momentos no contexto histórico que inúmeras pessoas de outras regiões do Brasil e também de outros países que migraram para o atual Estado de Rondônia. Durante a segunda metade do século XVIII uma frente de exploradores e escravos deslocou-se para a região para a construção do Real Forte Príncipe da Beira, obra conduzida pela coroa portuguesa que acabou por inserir junto ao povo indígena e ribeirinhos hábitos antes não experimentados por essa população e ao mesmo tempo agregou costumes da comunidade local, fortalecendo com isso a formação da identidade híbrida. (TEIXEIRA & FONSECA, 2001)

Já no século XIX com a implantação do processo de vulcanização do látex, seringueiros, exploradores, empresários e cientistas de diferentes nacionalidades, como libaneses, barbadianos, alemães, italianos e outros, vieram para a região amazônica e no atual Estado de Rondônia para ter acesso ao recurso que a seringueira ofertava, bem como às outras formas econômicas, como as atividades pertinentes à construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Várias nacionalidades se fizeram representar nas obras desse empreendimento, “recriando na Amazônia o mito bíblico de uma nova babel do imperialismo”. (TEIXEIRA; FONSECA, 2001, p. 140).

No início do século XX a Comissão Rondon, sob o comando do Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon que utilizou mão de obra do sul e sudeste do país e também muitos indígenas para auxiliarem no contato com outros povos indígenas, bem como o conhecimento das matas e rios, a fim de facilitar e enfrentar o contexto da natureza e das navegações. O objetivo dessa comissão consistiu na implementação da Linha Telegráfica ligando a região amazônica ao sul, através desta via de comunicação. Obra idealizada pelo Governo Federal parte do contexto da implantação da concepção dos projetos de desenvolvimento da região. (MACIEL, 199)

Diante desse cenário identifica-se a presença de diversidades de povos e culturas dividindo os mesmos espaços e vivendo na chamada fronteira, que abriga diversos conceitos nos aspectos geográfico e cultural, cuja análise tem por objetivo compreender esse processo de hibridização no Estado de Rondônia. (SILVA,1982)

### **O Processo Migratório da década de 70 no Território Federal de Rondônia**

O migrar, mudar de um lugar para o outro, deixar o cenário que muitas vezes se trata do local de nascimento de determinada pessoa é um ato que não carrega consigo sentimento de alegria e satisfação, afinal ninguém abandona o local em que reside, pode estar satisfeito, feliz e vivendo em harmonia familiar e financeira naquele lugar. Pois, acompanha-se desde o período de origem do ser humana, os diversos e constantes deslocamentos de um lugar para o outro em busca de melhores condições de vida e daquilo que lhe é negado, a tríade: terra, teto e trabalho. Segundo José de Souza Martins, “há os que vão embora pra sempre, pra nunca mais. Pra esses Severinos e Marias a estrada não tem volta: ou a mata lá longe ou a favela” (MARTINS, 1986, p. 10). Esses indivíduos que levam consigo a esperança de uma vida melhor “vão-se embora para não aumentar a miséria da família com a sua fome. Não vão ganhar dinheiro. Vão comer. E mal.” (MARTINS, 1986, p. 10).

Muitos migrantes partirão na busca de um novo lar, de um pedaço de chão e do sonho de ser proprietário de sua produção. Dentre os diferentes personagens dessa onda migratória, identificamos o chamado migrante temporário. É o que migra para exercer atividade por determinado tempo, mas também aqueles que migram com a esperança de voltar para o lar e que em muitos casos não retornam. Para esse indivíduo, o sonho do retorno o impulsiona a viver em duplicidade conforme define José de Souza Martins:

Migrar temporariamente é mais do que ir e vir – é viver, em espaços geográficos diferentes, temporalidades dilaceradas pelas contradições sociais. Ser migrante temporário é viver tais contradições como duplicidade; é ser duas pessoas ao mesmo tempo, cada uma constituídas

por específicas relações sociais, historicamente definidas; é viver como presente e sonhar como ausente. (MARTINS, 1986, p. 45).

No contexto do processo migratório verificamos que “a migração de trabalhadores rurais e seus familiares para a região amazônica intensificou-se bastante desde 1970” (IANNI, 1979, p. 11). Podemos destacar vários fatores que contribuíram para tal processo, até mesmo antes da década de 70 como a construção da BR-364 ocorrida no governo de Juscelino Kubistchek até incentivos fiscais para a ocupação da Amazônia a partir de 1966 com total apoio do estado militar.

A política de incentivos fiscais constituiu basicamente em conceder isenção de 50% no imposto de renda das grandes empresas estabelecidas em outras regiões, particularmente no sul-sudeste, desde que tais recursos fossem investidos na região amazônica, na proporção de 75% de capital subsidiado das novas empresas e 25% de capital próprio. (MARTINS, 1986, p. 19).

Esses incentivos ancorados na abertura de rodovias durante a ocupação da Amazônia possibilitou o acesso a terras, aberturas de mercados, encurtando distâncias, garantindo assim uma renda de volume considerável aos empresários que se apropriavam gratuitamente das terras e simultaneamente a esperança aos camponeses que corriam na direção do sonho de ser um pequeno proprietário em adquirir terra e poder produzir e oferecer estabilidade à sua família.

O grande número de migrantes que se lançavam em direção ao atual Estado de Rondônia foi intenso que em determinadas regiões e períodos tornou-se inviável acompanhar o número de pessoas que chegavam ao território. Para se ter ideia do fenômeno migratório, os próprios dados censitários disponíveis no Brasil são insuficientes para que se possa ter uma visão clara das migrações no país, conforme relata (IANNI (1979):

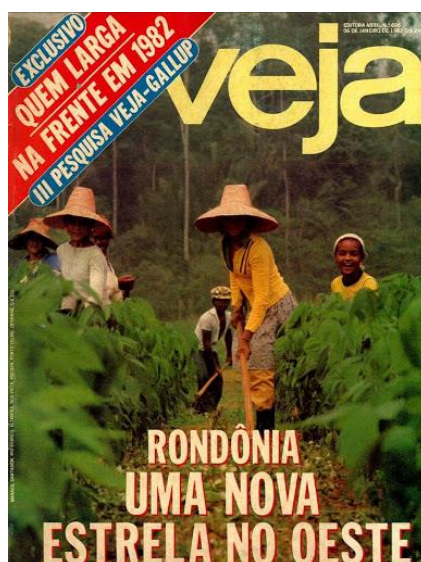
Desse modo, em poucos anos, desde 1966, intensifica-se e generaliza-se a colonização espontânea da região. Um elemento bastante visível desse processo foi a construção de uma extensa rede de rodovias. Os próprios empresários, fazendeiros e latifundiários, diretamente ou por intermédio de empreiteiros de mão-de-obra (os gatos) trataram de atrair, ou buscar, trabalhadores disponíveis, perto ou distante. (IANNI, 1979, p. 12).

Observa-se, portanto um grande número de migrantes chegando diariamente na região do atual Estado de Rondônia ainda que a viagem fosse longa, cansativa e em condições precárias, uma vez que estas ocorriam em carrocerias de caminhões:

Em 1977, pude presenciar, durante vários dias, em Rondônia, na margem da rodovia que vai de Cuiabá a Porto Velho, caminhões e caminhões chegando a cada instante com famílias e mudanças trazidas do Paraná ou de Minas Gerais – 10 a 15 dias de viagem em direção à mata amazônica – centenas, milhares, em poucos dias. (MARTINS, 1986, p. 45).

Para melhor ilustrar a conjuntura do período abordado, apresentamos na figura 01 uma capa da Revista Veja de 1982 fazendo referência ao então Estado de Rondônia que surgiu a partir do antigo Território Federal de Rondônia.

**Figura 1 - Capa da Revista Veja, 1982.**



**Fonte: Arquivo Digital da Revista Veja.**

Importante ressaltar que não eram apenas os migrantes cheios de esperança e perspectivas que chegavam à região, embora tenha ocorrido a predominância do trabalhador rural com sua família, em busca de terra para formar e criar, outros personagens passaram a integrar a sociedade que se formava nesse período:

Em poucos anos chegaram muitos trabalhadores rurais, e seus familiares, em busca de terras para ocupar, morar e lavrar. Também chegaram pequenos, médios e grandes proprietários, ao lado dos comerciantes de terras, grileiros, jagunços, funcionários governamentais, engenheiros, agrônomos, gerentes. (IANNI, 1979, p. 19).

Essas pessoas que migraram para a região amazônica, oriundas de diferentes regiões do Brasil, auxiliaram na formação dos aspectos culturais da atual população rondoniense que foram sendo consolidados nos diversos aspectos da gastronomia, festas e outras manifestações culturais.

### **Aspectos de Identidade**

As pessoas que chegavam a Rondônia traziam consigo seus hábitos, costumes e memórias que foram sendo formados em sua cultura e identidade ao longo do tempo e espaço. E migrar de local, deixar suas origens não significa consolidar sua base cultural, mas agregar novos valores e conhecimentos.

De acordo com Stuart Hall (2015, p. 52) relata em A identidade cultural na pós-modernidade:

Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades.

No processo de formação da identidade rondoniense encontramos essa realidade. Os colonizadores que aqui chegavam à procura em construir um futuro promissor traziam no seu “eu” saberes e aspectos culturais próprios que somados aos valores apreendidos com os povos aqui encontrados, os povos da floresta e também com outros migrantes, formou-se a cultura híbrida (CANCLINI, 2005) ou (HALL, 2005) que afirma formar identidades. Essas identidades foram transmitidas às futuras gerações, seus descendentes que formaram uma população revestida de várias culturas. Nessa fusão das culturas originárias buscou-se delinear a identidade da criança da década de setenta que atualmente compõe a população rondoniense. Também o migrante que se enquadra como temporário, ainda que retorne ao seu cenário de origem tende a assimilar características que interferiram em sua identidade:

Sociologicamente falando, o migrante temporário ao retornar, já não é o mesmo; e, por ter que sair, nas condições em que sai, modifica as relações sociais do seu grupo de origem, altera a organização da família, a divisão do trabalho familiar, o lugar de cada um. O que encontra, quando retorna, já não é aquilo que deixou. Ele nem mesmo se reencontra porque já é outro, procurando ser o mesmo. (MARTINS, 1986, p. 45).

O processo migratório provoca por diversos momentos constante estruturação de identidade. Pode-se afirmar que ocorre a duplicidade de duas socializações, o que ele foi e aquilo que ele necessita ser para sua inserção na nova realidade. “É sempre o outro, o objeto e não o sujeito. É sempre o que vai voltar a ser e não o que é.” (MARTINS, 1986, p. 50).

Nessa gama de contatos e diferença cultural, (Burke, 2010, p.23) relata que:

Exemplos de hibridismo cultural podem ser encontrados em toda parte, não apenas em todo o globo como na maioria dos domínios da cultura – religiões sincréticas, filosofias ecléticas, línguas e culinárias mistas e estilos híbridos na arquitetura, na literatura ou na música. Seria insensato assumir que o termo hibridismo tenha exatamente o mesmo significado em todos estes casos.

Diante do exposto podemos compreender que a formação da identidade de uma pessoa está em constante formação e a cada momento recebe contribuições para que assim possa se socializar e viver na comunidade a qual está inserida.

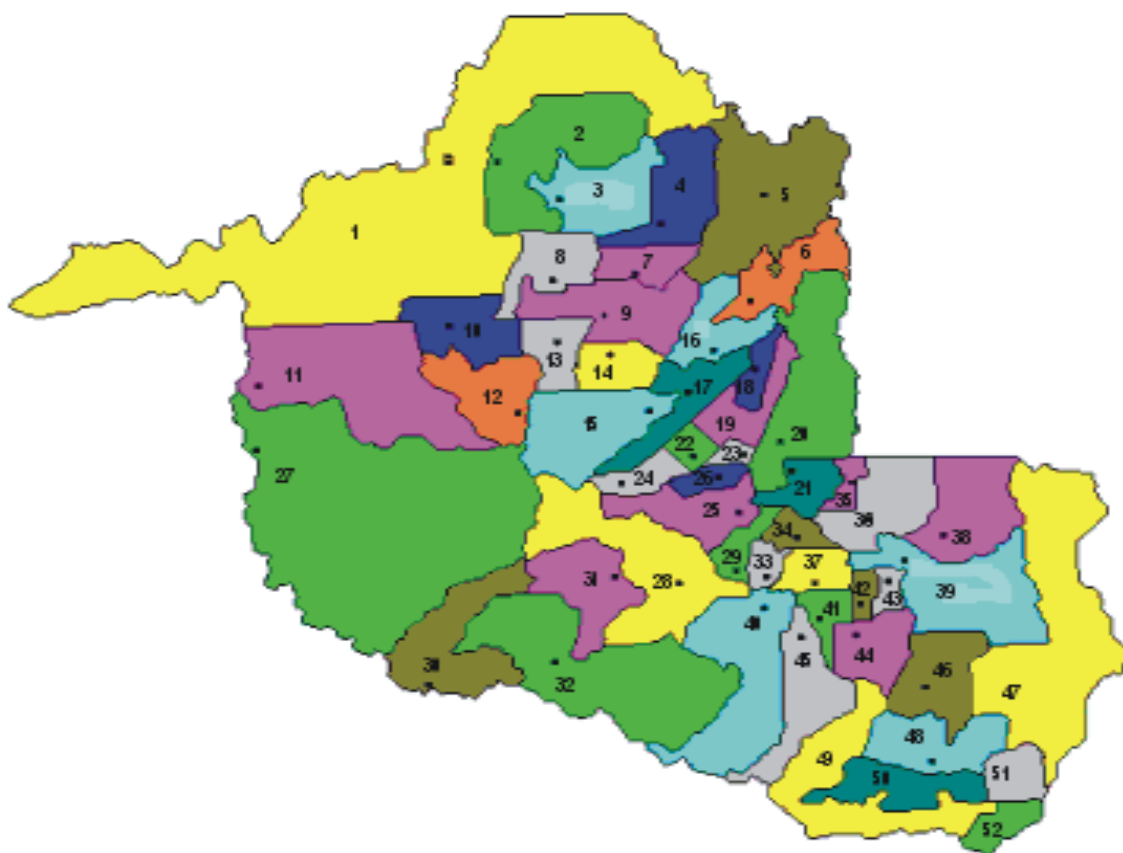
## **O Hibridismo Cultural presente nos hábitos e manifestações rondonienses**

Localizado na região Norte, o Estado de Rondônia tem como limites os Estados do Mato Grosso (a leste), Amazonas (ao norte), Acre (a oeste) e uma fronteira internacional

com Bolívia (a oeste e sul). Atualmente o Estado possui 52 municípios e abrange uma área de 237.576,167 quilômetros quadrados, tendo como sua capital a cidade de Porto Velho e conta com uma população de 1.800 mil habitantes (IBGE/2020).

Observamos que a ocupação humana da área que constituiu atualmente o Estado de Rondônia aconteceu em momentos distintos e a partir dos “ciclos” econômicos, assim denominados, contribuíram para o processo de migração e às mudanças nos aspectos econômico, social e político da região.

Apresentamos o mapa do estado de Rondônia com a localização dos 52 municípios e 08 Distritos do Estado:



**Legenda:**

1 – Porto Velho 1.1 – Extrema	14 - Cacaulândia	27 -Guajará Mirim	40 - Alta Floresta
2 – Candeias do Jamari	15 - Gov. Jorge Teixeira	28 - São Miguel do Guaporé	41 - Santa Luzia do Oeste



3 – Itapua do Oeste	16- Theobroma	29 - Nova Brasilandia do Oeste	42 - São Felipe do Oeste
4 – Cujubim	17- Jaru 17.1 - Tarilândia	30 - Costa Marques	43 - Primavera do Oeste
5 – Machadinho do Oeste	18 - Vale do Paraíso	31 - Seringueiras	44 - Parecis
6 - Vale do Anari	19 - Ouro Preto do Oeste 19.1 - Rondonias	32 - São Francisco do Guaporé	45 - Alto Alegre dos Parecis
7 - Rio Crespo	20 - Ji-Paraná 20.1 - Nova Colina 20.2 - Nova Londrina	33 - Novo Horizonte	46 - Chupinguaia
8 - Alto Paraíso	21- Presidente Médici 21.1 - E. Rondônia 21.2 - N. Riachuelo	34 - Castanheiras	47 - Vilhena
9 – Ariquemes	22 - Nova União	35 - Ministro Andreazza	48 - Corumbiara
10 – Buritis	23 - Teixeiraópolis	36 - Cacoal	49 - Cerejeiras
11- Nova Mamoré	24 - Mirante da Serra	37 - Rolim de Moura	50 - Pimenteiras do Oeste
12 – Campo N. de Rondônia	25 - Alvorada do Oeste 25.1 - Tancredopolis	38 - Espigão do Oeste	51 - Colorado do Oeste
13 –Monte Negro	26 - Urupá	39 - Pimenta Bueno	52 - Cabixi

Fonte: Produção da Pecuária Municipal - 2000 - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE/EMATER-RO, *in*, MOSER, Lilián M.

Em virtude dos distintos períodos migratórios para a região, verificamos que na questão populacional, o Estado de Rondônia reflete a realidade presente também em todo território brasileiro no que diz respeito na diversidade étnica, entre indígenas, afrodescendentes, amarelos e brancos, porém no estado predomina a população de pretos e pardos, segundo a denominação do IBGE. Essa diversidade constitui a base da formação de identidades ou a cultura híbrida cuja identidade regional é dinâmica e não única.

Assim, se constitui um misto de culturas e identidades e não há como afirmar a existência de uma única cultura dominante. Pois, nos diversos municípios são realizados diversos festejos de acordo com as características culturais e interesses da população ou até do poder político do município.

Citamos aqui algumas festas mais comuns realizadas alguns municípios. Os situados ao longo da BR-364 e suas adjacências, os festejos mais comuns são as exposições agropecuárias e onde se estabelece o encontro de culturas caracterizando o hibridismo nas relações e ações da população. A gastronomia também sua característica própria em que o churrasco gaúcho, o chimarrão estão presentes nesses eventos.

No Vale do Guaporé A Festa do Divino está associada às tradições religiosas portuguesas do século XIV trazida no séc. XVIII por ocasião da Construção do Forte Príncipe da Beira em Rondônia. O evento é celebrado anualmente desde 1894 pelos remanescentes de quilombolas no Vale do Guaporé e que representa um marco histórico-cultural importante para estes povos, pois na sua concepção essas manifestações culturais são feitas para demonstrar atos de sociabilidade religiosa locais. (SILVA,2015).

**Figura 2 - A chegada do barco do Divino**



**Fonte: Foto José Williams S. da Silva/2013**

No município de Guajará-Mirim as representações artísticas apresentam traços do hibridismo formado no território brasileiro além de somar à riqueza cultural do rondoniense as características culturais dos nossos vizinhos bolivianos. Nesse município acontece o Duelo da Fronteira, dos Bois Bumbás Malhadinho (azul) e Flor do Campo (vermelho), que é um confronto em uma batalha de cores, sons e movimentos, unindo a cultura indígena e cabocla, transformando a cidade de Guajará-Mirim em um imenso caldeirão cultural.

A Festa da Flor do Maracujá é uma festa que ocorre anualmente, em Porto Velho, durante dez dias, entre o final de junho e início de julho, e em que se apresentam Quadrilhas e Bois Bumbás que são os elementos culturais mais significativos da festa e, demonstram a força e vigor das tradições juninas presentes na cultura popular da sociedade portovelhense. No ano de 2017 apresentaram-se cerca de 26 grupos “folclóricos” de Quadrilhas e Bois-bumbás, que para o concurso de quadrilhas e Bois Bumbás categorizam-se as apresentações em adultos e mirim, além de divisões entre grupo especial e de acesso. (SOUZA FERREIRA, 2018).

Figura 3 - Quadrilha Junina Tradicional - Década de 1960.



Fonte: sagadoforro.blogspot, in, SOUZA FERREIRA, 2018

Constata-se que no Estado de Rondônia são encontradas representações artísticas que abordam sua riqueza cultural formando o hibridismo, uma pluralidade cultural e construindo identidades. E esses traços culturais híbridos não estão presentes apenas nas manifestações, mas também nas ações, palavra, sotaques, culinária e em vários outros segmentos da vida cotidiana do rondoniense.

Destaca-se também a formação de culturas singulares que se formam a partir desses encontros, que de acordo com Peter Burke, apresenta no campo da linguística essa representação:

Usando como base suas afinidades ou congruências, duas línguas em contato se modificam e ficam mais parecidas e assim “convergem” e criam uma terceira, que frequentemente adota a maior parte de seu vocabulário de uma das línguas originais e sua estrutura ou sintaxe da outra. (p.61)

A partir do presente estudo e dos teóricos abordados podemos afirmar de que a formação cultural dos povos é de composição híbrida, em que as relações das práticas sociais e econômicas que, se entrelaçadas, potencializam a trama e se revelam mais nas atuações do que nas ações propriamente ditas. E desta forma o multiculturalismo aponta resistência contra a imposição de uma cultura dominante e que partes da sociedade tentam implantar ou “criar” uma única cultura para caracterizar os povos dos municípios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viajar no tempo, revisitar memórias e detectar na história de diversos povos os vários aspectos que constituem as sociabilidades, nos convida a um novo olhar e novas análises sobre sua história onde são encontradas as diversidades culturais e identidades que nem sempre são inseridas no *roll* dos festejos dos municípios e na sua base cultural, ou ao

contrário, são absorvidas pela política local ou regional, minimizando assim os símbolos e significados construídos pela população, proporcionando o descaso por boa parte da sociedade.

Assim a história de um povo, com sua memória, contém a importante função de contribuir para o sentimento de “pertencimento” a um grupo de passado comum ou não, pois vivencia e compartilha suas memórias e eventos (HALBWACHS, 2006).

Vimos no decorrer desse artigo como ocorre a formação e fortalecimento do hibridismo a partir das migrações que contextualizaram os períodos históricos do Estado de Rondônia formando esse mosaico cultural em suas culturalidades e identidades.

Tentou-se também colaborar nessa construção contribuir para o enriquecimento da consciência coletiva sobre a memória, história e identidades e valorização das culturalidades. E essa relevância se respalda na valiosa experiência do indivíduo através de sua própria cultura e sua transmissão para as gerações futuras onde conforme Peter Burke (2010), cada cidadão está envolvido na transmissão dessa cultura, ao passo que a própria criação dos filhos necessariamente inclui a transmissão dos valores de sua cultura ou subcultura.

Sobre essa cultura proposta, Williams observa que: “A história da ideia de cultura é a história do modo por que reagimos em pensamento e em sentimento à mudança de condições por que passou a nossa vida. [...] A ideia de cultura é a resposta global que demos à grande mudança geral que ocorreu nas condições de nossa vida comum”. (WILLIAMS, 2011, p. 321).

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. 1992 – Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão, São Paulo-Rio de Janeiro-Campinas, Ed. Hucitec, ANPOCS, UNICAMP.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 2006.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2005
- CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- SOUZA FERREIRA, Jéssica C.G. *Invenções Reinvencões do Festejo Junino Flor do Maracujá: Herança Cultural Portovelhense*. Dissertação de Mestrado do Programa de Mestrado em História e Estudos Culturais/UNIR/2018.
- FRANÇA, Eduardo D'Oliveira. *A teoria geral da História*. In: Revista de História. São Paulo, USP, n. 7, 1951. P. 134.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- IBGE - <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2020/08/27/populacao-de-rondonia-cresce-11percent-e-chega-a-19-milhao-de-habitantes-diz-ibge.ghtml> - acesso 27/10/2020

- IANNI, Otávio. *Colonização e Contra-reforma agrária na Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996.
- MACIEL, Laura Antunes. *Nação por um Fio: Caminhos, práticas e Imagens da Comissão Rondon*. São Paulo: EDUC, 1999.
- MARTINS, José de Souza. *Não há terra para plantar neste verão*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- MOSER, Lilian M. *Formação de Capital Social e o Ideário do Desenvolvimento Sustentável no Mundo Rural Rondoniense: A Organização dos Sistemas Alternativos de Produção dos Produtores De Ouro Preto D'Oeste – RO*. Tese de Doutorado NAEA/UFPA/2006
- TEIXEIRA, Marco Antonio Domingues e FONSECA, Dante Ribeiro da. *História Regional (Rondônia)*. Porto Velho: Rondoniana, 2001.
- THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- SILVA, José Graziano da. *A Modernização Dolorosa*. Rio de Janeiro, RJ, Zahar Ed., 1982.
- SILVA, José Williams S. da. *Nas Trilhas do Divino Espírito Santo em Rolim de Moura do Guaporé/RO*. Revista Veredas Amazônicas – janeiro/junho – VOL. 4, Nº 1, 2015.
- WILLIAMS, Raymond. “Uma tradição do século XIX”. In: *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

*Submetido em novembro de 2021.  
Aprovado em dezembro de 2021.*

**Informações do(a)s autor(a)(es):**

Joelton Rezende Gomes  
Instituto Federal de Rondônia (IFRO)  
E-mail: [joe\\_rezende@hotmail.com](mailto:joe_rezende@hotmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7312-6179>

Lilian Maria Moser  
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)  
E-mail: [moser@unir.br](mailto:moser@unir.br)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0574-2743>